
**MARIA FACCIN: DE PONZANO A PORTO ALEGRE,
OS FRAGMENTOS DE UMA MEMÓRIA QUASE ESQUECIDA NA
ESCRITA DE SI¹**

**MARIA FACCIN: FROM PONZANO TO PORTO ALEGRE,
REMINISCENCES OF A MEMORY ALMOST FORGOTTEN IN SELF
WRITING**

Egiselda Brum Charão
Mestranda/Programa de Pós-Graduação em História/PUCRS
gisacharao@terra.com.br

RESUMO: O texto apresenta uma reflexão sobre a autobiografia de Maria Faccin, italiana nascida na região norte da Itália, que no Pós II Guerra Mundial imigrou para o Brasil, através de arranjos familiares. Sua família se estabeleceu na cidade de Porto Alegre onde Maria casou-se e teve filhos. Maria viveu grande parte de sua vida no Bairro São José da capital gaúcha. Para examinar a narrativa de Maria, seguiu-se o princípio do paradigma indiciário utilizando a análise de conteúdo e os estudos relativos à escrita de si, à memória e a imigração. Destacaram-se na investigação, além da subjetividade, aspectos do cotidiano como o trabalho e os espaços da cidade entre outros tópicos. Este trabalho ressalta a utilização das autobiografias como fontes de pesquisa para a história.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres imigrantes. Autobiografia. Porto Alegre.

ABSTRACT: The text present a autobiographical reflection about the Mary Faccin, Italian born in Northern Italy, which after the World War II immigrated to Brazil by family arrangements. Her family established themselves in the city of Porto Alegre, where Maria married and had children. Mary lived most of her life in São José, neighborhood of Porto Alegre. To examine the narrative of Mary, we followed the principle of indicative paradigm using the content analysis method and studies concerning of writing itself, memory and immigration. The highlights in the research were, beyond the subjectivity, aspects of daily life such as work and the spaces of the city among other topics. This work emphasizes the use of autobiographies as sources of research for the story.

KEYWORDS: Immigrant women. Self-Writing. Porto Alegre.

¹ O presente texto resultou da disciplina *Sociedade, Urbanização e Imigração VI*, que abordou o tema “Correspondências, Autobiografias e História do Rio Grande do Sul”, ministrada pela Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Introdução

Os relatos das mulheres procedentes de outros países permitem fazer uma viagem ao passado, pois elas guardam na memória as lembranças das experiências vivenciadas ao longo do tempo. As memórias escritas femininas² podem se constituir em fontes históricas respeitáveis porque as personagens deixam transparecer as influências assimiladas na constituição do seu “eu” e também expressam outras que extrapolam a si próprios e que são comuns ao seu grupo social. Portanto, “o ato pessoal de pensar o passado – de contar uma vida – está enganchado na trama coletiva da sua existência social” (MALUF, 1995, p. 83).

As memórias trazem as experiências das mulheres enriquecidas na inter-relação com outros sujeitos sociais e na assimilação ou embate dos valores dos grupos dos quais participam (HALBWACHS, 2006, p. 39). São registros memoráveis que perpetuam singularidades e especificidades das suas culturas. Eles carregam os cinco sentidos pertinentes ao homem que desvendam detalhes do público e do privado, e permitem olhar diferentes ritmos dos processos sociais. Para se considerar tais escritos como fontes históricas, cabe ao historiador, além de preservar as diferenças entre memória e história, adotar uma postura crítica e olhar o documento em sua “natureza indiciária” (GINZBURG, 1990, p. 150-151). A explicação a ser construída nessa tarefa deve se basear não tanto no que está evidenciado, mas também pelo que aparece desconexo e irregular, de forma que a inteligibilidade perseguida pelo historiador possa conter o compromisso na construção do conhecimento histórico.

Nesta perspectiva suas narrativas constituem vestígios para os estudos da história da imigração, no Brasil, pois partem do ponto de vista de uma mulher imigrante e como a cultura de um determinado grupo se manifesta nas interações sociais da vida cotidiana (ERIKSIN, 1986 apud BUENO, 2002, p. 15). Através dos relatos das mulheres, pode-se conhecer as motivações que as levaram a escolher a cidade de Porto Alegre como destino; entender as diferentes percepções da cidade, levando em conta a origem de cada uma delas; e confrontar as várias formas de relações à medida que estas imigrantes interagem com a nova realidade.

² Nas últimas décadas tem sido crescente o número de estudos sobre o papel da mulher na sociedade brasileira. Os trabalhos existentes em geral privilegiam as mulheres anônimas, pertencentes às camadas populares, ou figuras de destaque, de papel reconhecido, num momento ou evento na história do país (FERREIRA, 2004, p. 241).



Figura 1 - Maria Faccin em 1949
Fonte: acervo particular de Maria Faccin

Neste estudo optou-se pela autobiografia³ de Maria Faccin, imigrante italiana que mudou para a cidade de Porto Alegre, no período do pós II Guerra Mundial, época de intensa imigração que pressupunha “um deslocamento de diferentes pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificados em muitos sentidos, isto é, econômica, política e culturalmente. Portanto é uma viagem que pressupõe três momentos: a partida, o trânsito e a chegada” (CONSTANTINO, 2006, p. 65). Dentro do contexto, o método autobiográfico apresenta-se como uma opção alternativa para fazer a mediação entre a história individual e a história social (FERRAROTI, 1988, p. 26). Através desse gênero de escrita é possível transitar no tempo e no espaço, pois esta possui um caráter psicológico traduzido pelas vivências subjetivas do indivíduo. Quanto à utilização do método na prática de pesquisa, Joan Scott

³ A autobiografia é uma história de vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrada por outrem concomitantemente com a vida descrita, na qual o narrador esforça-se para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal (CHIZZOTTI, 2006, p. 102).

afirma que o desafio à história normativa tem buscado legitimidade na autoridade da experiência, a experiência direta dos outros, assim como a do(a) historiador(a) que aprende a ver e a desvendar a vida desses outros em seus textos (SCOTT, 1999, p. 24).

Nessa perspectiva as práticas de pesquisa com histórias de vida têm adotado uma variedade de fontes e procedimentos de coleta, agrupando-as em duas dimensões, ou seja, os diversos documentos pessoais como autobiografias, memoriais, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais e as biografias que podem ser orais ou escritas (SOUZA; SOUZA; CATANI, 2008, p. 43).

Desse modo, uma leitura histórica, literária e social da autobiografia pode proporcionar a recuperação de escrituras em alguns casos obscuras ou mal interpretadas, ao mesmo tempo em que pode iluminar as formas pelas quais se utilizam – ou se podem utilizar – as autobiografias, tanto para representar, compreender vidas individuais e particulares, quanto para testemunhar eventos históricos marcantes, estabelecendo uma corrente de interesses comuns capaz de promover mudanças educativas, políticas e sociais, ou contribuir para a própria teoria do memorialismo como gênero (OLMI, 2006, p. 156).

Para entender a escrita referenciada, tomou-se como base a análise de discurso desenvolvida nas pesquisas de Roque Moraes, pois este método se apresenta como um movimento que possibilita trabalhar documentos impressos. Esse método pressupõe etapas de uma análise de conteúdo que é constituída num ciclo de decomposição em três elementos – unitarização, categorização e comunicação –, ou seja, a desconstrução do texto, criação de categorias e a interpretação, que resulta em novo significado extraído das mensagens descritas (MORAES, 2003, p. 191).

Partindo do suporte de estudo especificado, extraiu-se da autobiografia de Maria Faccim algumas categorias que emergiram de sua escrita como impressões de partida, impressões de chegada, aspectos da cidade de Porto Alegre e redes de relações. A interpretação dos escritos de Maria, associada ao contexto no qual foi produzida, pode fornecer uma visão ampla não somente do autobiógrafo, mas também das condições sociais, culturais, políticas e psicológicas que gravitam ao redor de quem escreve a seu respeito.

Entretanto chama-se a atenção para o fato de que, ao se debruçar sobre a obra autobiográfica em questão, não se busca atestar uma veracidade do que foi escrito, mas se

tenta compreender de que forma essas “verdades” são construídas e utilizadas na fabricação de uma imagem para seu autor e criam um sentido para sua trajetória; desse modo é fundamental pensar que, ao escrever sobre o passado, os referidos narradores estão falando também sobre o seu presente (MAGALHÃES, 2007, p. 7).

Mulheres no Pós-Guerra

A mulher do pós-guerra, na década de 1950, antes de tudo foi um paradoxo: por um lado reivindicava o direito de trabalhar e ocupar espaços públicos, e por outro considerava que ser mãe e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Neste período o Brasil passava por transformações sociais no qual as diferenças entre homens e mulheres se estreitavam em termos de convívio, mas não de distinção de papéis; desse modo o país acompanhou a tendência mundial de fazer com que a mulher não abandonasse os valores tradicionais da sociedade (BASSANEZI, 2000, p. 608). Entretanto a mulher foi cada vez mais se inserindo no mercado de trabalho, ou para ajudar na renda do lar ou para assessorar o marido em seus empreendimentos.

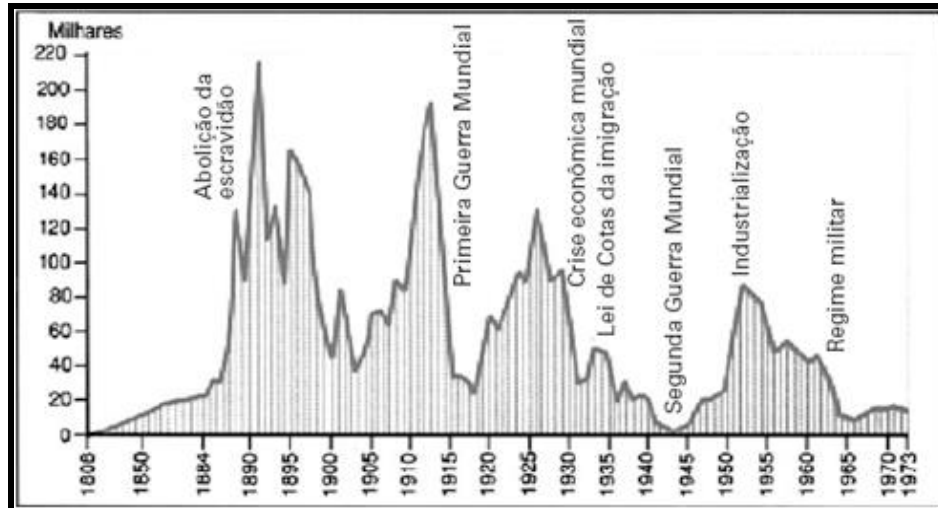
A segunda metade do século XX foi um momento de expansão urbana na maioria das grandes cidades brasileiras, que se converteram em lugares propícios para o desenvolvimento de atividades econômicas. “O rápido processo de urbanização é um fenômeno estrutural recente, tendo o seu auge medido pela velocidade do crescimento da população urbana, entre os anos 1950 e 1970” (BRITO, 2006, p. 222).

Porto Alegre, neste período, também passava por este fenômeno de urbanização e transformações estruturais; os meios de comunicação não só informavam, mas também difundiam novos valores culturais e sociais, e apesar do rádio ter um alcance maior, as revistas com suas fotorreportagens e uma publicidade marcante, tiveram grande importância na fixação de uma nova imagem social. Nesta mesma época também começou a marginalização das populações mais pobres que só iria piorar nas décadas seguintes (LEMOS, 2009, p. 116).

Monteiro (2012) esclarece que, na década de 1950, Porto Alegre já contava com 400 mil habitantes e apesar de toda ânsia em se tornar uma metrópole moderna, a cidade ainda

mantinha ares provincianos. Esse crescimento decorreu de uma emigração do campo para a cidade somada à onda de imigração da Europa para a América que ganhara fôlego no pós II Guerra Mundial, arrefecendo apenas na primeira metade da década de 1970.

Tabela 1 - Entrada de Imigrantes no Brasil – 1808 a 1973



Fonte: Adas (2004, p. 282).

Lembra-se que nos anos que antecederam a II Guerra Mundial os deslocamentos de imigrantes ocorreram continuamente. Famílias inteiras, homens e mulheres imigravam para países da América, como o Brasil, em busca de uma vida melhor. Alguns desses imigrantes se estabeleceram em zonas rurais como agricultores, e outros, em zonas urbanas⁴ com seus comércios, lojas, *ateliês* de arte, estúdios fotográficos, grupos de teatro, restaurantes, confeitarias etc. Geralmente os estabelecimentos e as atividades relacionadas ao trabalho remunerado estavam associados à figura do homem provedor da família (CONSTANTINO, 2006).

Foi dentro do contexto descrito que em 1949 a família de Maria Faccin imigrou de Ponzano, perto de Treviso, na região italiana do Vêneto, para o Brasil, com destino a Porto Alegre. Maria viajou na companhia de seus pais, Arturo Faccin e Regina Rossi Faccin, e seu irmão, Antonio, pois o irmão Giovanni viera anteriormente, chamado pelo tio Frederico. Esse

⁴ A presença do imigrante no centro urbano da sociedade receptora foi salientada e discutida pelo sociólogo alemão, Georg Simmel, frisando a participação do imigrado em um novo contexto. Simmel ressalta que o estrangeiro se integra em uma nova sociedade desempenhando profissões que os indivíduos daquela sociedade não executam (SIMMEL, 2005, p. 265-270).

fator aponta para uma rede de relações familiares em cadeia⁵ que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008, p. 200).

Figura 2-Territorio del comune di Ponzano Veneto



Fonte: http://www.paesionline.it/veneto/ponzano_veneto/mappa_ponzano_veneto.asp

Maria conta que quando chegaram a Porto Alegre, após a longa viagem, estavam à espera da família no porto, além do seu irmão, seu tio Frederico e sua tia Laura, suas primas Angelina e Tereza e o padre Lino da Paróquia São Judas Tadeu⁶. As ligações familiares demonstram que:

A manutenção dos vínculos parentais ‘ampliava radicalmente os espaços de escolhas e de movimento da família’, sendo um recurso precioso para reduzir as dificuldades e oferecer suporte e proteção aos que ficavam e aos

⁵ Como o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores (MACDONALD; MACDONALD, 1964, p. 82).

⁶ A Igreja São Judas Tadeu foi criada em 1943 para atender o núcleo de famílias da Vila João Pessoa. A Vila João Pessoa havia surgido em função migração da população do Arraial São José para o local e quando abrigara os moradores marginais do Rio Guaíba após a inundação de 1940.

que partiam. Nesse sentido, uma parentela ampla, solidária e coesa (envolvida na emigração de algum de seus membros) parece ter sido a norma em áreas rurais da Itália onde predominava a pequena propriedade (VENDRAME, 2010, p. 70).

Foram as relações familiares que promoveram a manutenção de costumes como ajuda mútua e casamentos entre imigrantes oriundo da mesma localidade, conforme se constata no relato:

O meu namorado, Sergio Mestriner, veio da Itália em fins de 1950... casamos em 1951, um ano depois compramos um terreno num loteamento Chamado Morro da Cruz⁷ e meus pais emprestaram mil cruzeiros para a compra do material de construção como madeira e telhas (FACCIN, 2012, p. 21).

O Morro da Cruz era núcleo populacional composto principalmente de imigrantes. Se desenvolveu no bairro São José, este por sua vez se originou do antigo Arraial de São José, loteamento implantado em 1875 em Porto Alegre.

Figura 3 - Primeiras casas do Loteamento Morro da Cruz – Vila São José – Porto Alegre



Fonte: acervo particular de Maria Faccin

Maria morou nessa comunidade desde que chegou em Porto Alegre, constituiu família, trabalhou e deu estudo aos filhos, separou-se do marido e aos setenta e seis anos escreveu sua autobiografia por influência dos filhos, onde retrata, segundo seu irmão Antônio, “parte de sua vida, pois há uma fase não consignada e nem mencionada como a passagem pelo distrito da Picada São Paulo, em Morro Reuter, ou ainda os veraneios na casa de Cidreira.” Na

⁷ Local conhecido antigamente como Chácara José Murialdo, atual Vila São José.

ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, Maria opta pelo silêncio sobre si própria – diferente do esquecimento – que pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio ambiente, como no caso de uma imigrante vêneta que escolheu morar em Porto Alegre. Demonstra desse modo que as fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento (POLLAK, 1989, p. 3-15).

Maria e a escrita de si

No afã de preservar pela lembrança a história da família, Maria escreveu suas memórias utilizando suportes da escrita autobiográfica. A importância do falar, escrever e pensar em si faz parte da construção do indivíduo na sociedade moderna ocidental. Na modernidade, suas lembranças ganham novos significados e constituem uma identidade de si dentro do grupo. Sendo a escrita de si a autobiográfica, pode ser definida como:

[...] uma prática estimulada por várias razões, entre as quais podemos destacar: a consciência da ruptura com um determinado passado, despertando saudade e nostalgia; o medo de se perder por alguma razão; o pavor de perder o controle sobre si, levando a construção de uma identidade; a proximidade da morte aliada à vontade de dar sentido à própria trajetória; e a idéia de possuir uma história interessante para o conhecimento público (MAGALHÃES, 2007, p. 1).

De caráter autobiográfico, a obra escrita por Maria pretende atestar a veracidade do que estava escrevendo como testemunha da realidade que se apresentava, pois, segundo ela, “tudo o que escrevo é verdadeiro e penso que quem ler não vai se decepcionar” (FACCIN, 2012, p. 6). Assim, as referências às suas memórias e vivências apresentam, na sua narrativa, a marca da enunciação que legitima a veracidade do seu relato: eu vi, eu vivi, logo, eu escrevo o que realmente aconteceu (HARTOG, 1999 apud MAGALHÃES, 2007, p. 5). Ao mesmo tempo que reafirma o pacto autobiográfico, segundo o qual Maria, como autora, narradora e sujeito principal da narrativa, reconhece a sua existência como real e entende os acontecimentos narrados como verídicos.

Maria começou a escrever suas memórias em linguagem dialetal no dia 12 de junho de 2008 e concluiu a narrativa um ano depois, em junho de 2009. Traduzida por seu irmão Antonio Faccin e publicada em forma de livreto em 2012, a narrativa contém quarenta e duas páginas que descrevem sua experiência de vida. Divide-se em doze tópicos, incluindo a apresentação feita pelo irmão e tradutor da obra. No primeiro e segundo tópicos, Maria discorre sobre a infância; no terceiro e quarto, relembra a guerra; no quinto e sexto, fala sobre a viagem ao Brasil e sobre Porto Alegre; no sétimo e oitavo tópicos, fala sobre os filhos; no nono, décimo e décimo primeiro, fala sobre a vida pessoal, o casamento, a separação; no décimo segundo, encerra a história incluindo algumas fotos de momentos familiares.

Ao escrever sobre a família, Maria recria e reinventa seu passado, movida pela realidade de seu entorno e pela própria realidade social, cultural, pessoal, familiar e profissional em que viveu, na qual se insere e na qual está exposto cotidianamente (MAGALHÃES, 2007, p. 3). Isso se apresenta quando Maria menciona que a falta de dinheiro nunca impediu que tivessem alimentação na mesa: “eu me criei comendo polenta e leite no café da manhã e no jantar. Para o almoço se preparava uma massa com manteiga. Até hoje uma vez por semana é esse o meu cardápio” (FACCIN, 2012, p. 9).

Na narrativa de Maria é possível estabelecer a relação entre memória coletiva e identidade que, segundo Joël Candau, estão indissolúvelmente ligadas e são formas de representações que são construídas em relação ao “outro” (CANDAU, 2011, p. 10). Essa identidade se manifesta para Maria na adversidade, conforme ela fala sobre as dificuldades da viagem de Santos para Porto Alegre:

A nossa sorte, na viagem de Santos para Porto Alegre, foi que, como *bons italianos*, éramos prevenidos. Na nossa bagagem tínhamos uma forma grande de queijo, que pesava uns cinco quilos, além de umas latas de sardinha e um *ossacol* (em italiano), aqui conhecido como copa. [...] nunca havíamos comido arroz e feijão preto. Meu pai dizia que aquilo era comida para porco. Somente depois de muitos anos, quase no fim de sua vida é que ele passou a comer feijão preto (FACCIN, 2012, p. 19).

Em sua narração é possível perceber “o outro” no mesmo espaço, mesmo que este outro esteja oculto nas estrelinhas da escrita. Foi a partir dos outros que ela construiu sua

identidade “italiana” e que deve ser relativizada no tempo⁸. Essa identidade começou a ser engendrada antes da viagem e se cristalizou no título de sua autobiografia. No título, Maria ressalta seu ponto de origem e seu ponto de chegada. A obra abrange aspectos das relações que permearam suas experiências de vida demonstrando que,

Cada pessoa traz uma herança cultural significativa, experiências e práticas, valores, características e formação específica para o exercício de suas funções e para o viver de sua própria existência, e isso determina a comunicação que trava no seu cotidiano, em todos os níveis e dimensões. Estamos falando de relações que se dão entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, (que) promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos – legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções⁹ (FLEURI, 2004 apud ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 2).

Vestígios da memória

As lembranças de Maria sugerem uma memória fragmentada referenciada a partir do momento presente para reconstruir o passado (PORTELLI, 1996, p. 106). A importância do registro das memórias de Maria Faccin se configura na possibilidade de evitar o esquecimento trazendo ao conhecimento público a experiência de vida de uma imigrante italiana. Desse modo evoca-se a questão do indício, do rastro, da pista, pois, para Ginzburg (1990, p. 150), esse princípio nasceu numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas. Com relação ao vestígio, as narrativas de Maria merecem uma consideração especial porque tanto ela como as mulheres em geral:

[...] falam das próprias vidas em termos de relações, incluindo em sua história de vida, partes de histórias de vida de outras pessoas; e muito frequentemente falam como ‘nós’ ou ‘a gente’, simbolizando as relações

⁸ O bom italiano é uma construção social elaborado ao longo dos anos que se configura na historiografia relativa a imigração. Significa que os italianos precavidos, econômicos, trabalhadores entre outras qualidades que também são pertencentes ao senso comum.

⁹ Texto produzido para o V Seminário Nacional de Educação “Utopias Humanas: sonhos! Liberdade, inclusão e emancipação. Por que não?” para apresentação em 21 de maio de 2004 em Caxias do Sul, RS.

subjacentes àquela parte de sua vida: ‘nós’ como ‘meus pais e nós’, ou como ‘meu marido e eu’, ou como ‘eu e meus filhos’ (THOMPSON, 1992, p. 2004).

Para exemplificar esse enunciado, cita-se o início da narrativa, quando Maria fala sobre a viagem: “[...] agora vou contar a história da *minha* viagem, da Itália até o Brasil. *Saímos* de casa [...] e *viajamos* de trem, de Treviso a Genova, onde existe o maior porto da Itália, ao qual *chegamos* no dia seguinte” (FACCIN, 2012, p. 15).

Na autobiografia de Maria foram identificados alguns aspectos do cotidiano relativos às experiências que emergiram na sua escrita e que requerem atenção especial. O primeiro diz respeito ao trabalho¹⁰ tanto antes quanto depois de sua vinda para Porto Alegre. Conta que desde os seis anos o seu trabalho “era cuidar de uns vinte gansos, desde que nasciam até a hora de abatê-los para comer” (FACCIN, 2012, p. 8). Aos treze anos, após o término da II Guerra Mundial, foi trabalhar como babá, em Treviso, das 8h00min até às 17h00min, quando voltava para casa e ajudava buscando pasto em uma carroça (FACCIN, 2012, p. 13-14).

Em Porto Alegre, inicialmente trabalhava como lavadeira para os conterrâneos e como faxineira da família de seu tio Frederico, ganhando alguns cruzeiros para ajudar na casa, no aluguel e na comida. Meses depois, conseguiu emprego na Fábrica de Massas Adria, que foi implantada no Bairro São Geraldo em 1951, no período em que a meta prioritária do governo era intensificar a industrialização no Brasil. A fábrica foi fundada por imigrantes italianos que, inspirados na culinária de seu país, trouxeram para o Brasil a tradição de uma região famosa pelas melhores massas: a região norte da Itália, próxima ao Mar Adriático.¹¹

O fato de Maria ir trabalhar na Fábrica de Massas Adria, fora do âmbito familiar, aponta um fenômeno que já iniciara no período entre Guerras e que se intensificara no Pós II Guerra Mundial, isto é, o crescimento da mão de obra feminina no mercado de trabalho que foi nos últimos cinquenta anos um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira, a inserção crescente das mulheres na força de trabalho:

¹⁰ Podemos entender o trabalho como qualquer atividade física ou intelectual, realizada pelo ser humano de todos os gêneros, objetivando fazer, transformar ou obter algo. Também que trabalho é toda ação humana – intelectual e/ou física – direcionado a orientar o comportamento das pessoas na pretensão de conseguir a satisfação de toda ordem de necessidades humanas, quer sejam elas físicas, de segurança, de estima, de reconhecimento e finalmente de autorrealização (BUTURI, 2013, p. 3).

¹¹ Informação compilada de <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/08/adria-brasileira-com-gostinho-europeu.html>>. Acesso em: 15 maio 2012.

[...] O contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais. Primeiro, o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva, a continuidade do processo de urbanização e a queda das taxas de fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades das mulheres encontrarem posto de trabalho na sociedade (TEIXEIRA, 2005 apud LAIMER, VAZ, 2010, 9).

Depois do casamento, Maria passou a trabalhar na empresa do Sr. Salvador Pappalardo & Cia que, segundo anúncio do jornal de 1932, estava estabelecido na avenida Osvaldo Aranha, 396, com fábrica de massas alimentícias: “[...] As especialidades da fábrica eram principalmente massas de sêmola, ovos e pastilhas para diabéticos, além de massas com verduras e espinafres” (CORREIO DO POVO, 1932 apud BRUM, 2009, p. 307). Maria enfatiza, de forma velada, que o dono da fábrica era músico e quem administrava o comércio eram a esposa e a filha do Sr. Pappalardo (FACCIN, 2012, p. 21). Essa prática de mulheres gerenciando os negócios da família já era recorrente no comércio, conforme indicam os registros de autorizações concedidas pelos maridos para que as esposas comerciassem em seus nomes e em nome deles próprios. Um dos exemplos é a autorização de Leo a Irmã Stapler, um casal de comerciantes, que diz o seguinte:

[...]..o outorgante Leo Stapler, de nacionalidade romena quer reconhecendo que possui sua esposa, a outorgada Irma Stapler, de nacionalidade alemã as qualidades precisas para exercer a profissão de comerciante. [...] concede a mesma autorização para assinar em seu próprio nome, em qualquer parte deste país de acordo com as leis atinentes ao comércio (PORTO ALEGRE, 1919).¹²

Ainda referindo-se ao Sr. Pappalardo, Maria conta que ele tocava flauta na Banda Municipal¹³ e na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Quanto aos integrantes das duas

¹² Fonte consultada: Fundo da Junta Comercial, Maço 23. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Data da consulta: 25 de novembro de 2013.

¹³ A Banda Municipal de Porto Alegre foi fundada em 1925 pelo Intendente Otávio Rocha, que encarregou os professores José Acorsi e José Andrade Neves de organizarem uma banda dentro dos moldes europeus. Seu primeiro regente, José Leonardi, foi trazido da Itália, e era formado pelo Conservatório de Palermo. Os componentes, entre os quais diversos músicos italianos e argentinos, prestaram concurso para integrarem a Banda. Inicialmente o conjunto tinha sessenta figuras, representando todas as famílias de instrumentos usados nas grandes bandas. Em 1950, com a aposentadoria do maestro Leonardi, substituído pelo professor Júlio Grau,

formações musicais, Corte Real (1984, p. 50) informa que em 1924 o intendente Otávio Rocha incumbiu José Corsi de fundar uma banda municipal. Corsi viajou para Buenos Aires em busca de músicos e fez contato com o regente italiano Gino Marinuzzi, que se encontrava em turnê na cidade portenha. Este indicou José Leonardi para assumir o encargo de diretor da Banda municipal de Porto Alegre. O maestro viajou para a Itália em busca de profissionais e formou uma banda com 57 músicos, favorecendo o ingresso de novos musicistas, como também de novos imigrantes italianos meridionais que se somaram a “colônia” urbana existente na cidade de Porto Alegre (CONSTANTINO, 2007, p. 41).

O conjunto de lembranças de Maria deve ser considerado dentro da dimensão temporal, espacial e social da cultura, por meio da qual a memória liga-se irrevogavelmente à memória do grupo que ela serve e de cuja trajetória ela participa (HALBWACHS, 2006, p. 30). Exemplo disso são as lembranças da infância em família “lembro que foi com o meu dinheiro que mamãe comprou terninhos para o meu irmão e o meu primo Gianni tinha a mesma idade” (FACCIN, 2012, p. 13) e lembranças com os amigos, “tínhamos muitos amigos e amigas, além dos primos e primas que moravam no casarão” (FACCIN, 2012, p. 7). Em outro quadro as lembranças das relações escolares “na época da escola eu lembro bem a professora fazia a leitura das fichas dos soldados mortos na guerra” (FACCIN, 2012, p. 9) e as lembranças dos grupos de trabalho já mencionados, mostrando que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Considerações Finais

As autobiografias se constituem em um gênero literário que se aproxima das memórias na medida em que o autor, narrador e personagem se misturam no momento da escrita. Esse gênero vem crescendo na esteira de uma renovação do individualismo e das variadas formas da constituição das individualidades. As autobiografias têm na memória o elemento mais

este número seria reduzido ainda mais: 35 músicos. Posteriormente, durante o governo de Ildo Meneghetti, a Banda foi incorporada à Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, quando da fundação desta. Em 1957, os cargos componentes da Banda foram declarados excedentes, o que significou, na prática, sua extinção. (http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=116).

expressivo porque reconstruem significados condicionados pelas circunstâncias atuais da vida das narradoras em seus novos lugares sociais.

Ao escrever suas memórias, Maria resgata experiências marcantes, faz aflorar faltas que a constituem e, de repente, sentidos calados, silenciados passam a constituir a vida de Maria. Portanto, ao produzir sua autobiografia em dialeto vêneto, Maria não demonstra preocupação com a escrita formal, das regras escolares. Trata-se de uma escrita que faz aflorar sentimentos e subjetividades. Maria apresenta um relato de experiências que ultrapassa as fronteiras da autobiografia e que testemunha um processo de afirmação social da mulher. Seu testemunho de vida demonstra um caráter confessional porque incorpora elementos como lugares e pessoas e mostrando visões particulares até então ignoradas.

A história de Maria é indiciária porque demonstra os condicionamentos sociais em que foram produzidos; dessa forma, introduz o “outro” no cotidiano dos imigrantes, inserindo-o no seio de suas famílias, no trabalho e vice-versa. Sua narrativa apresenta a cidade europeia que ficou longe; apresenta a cidade brasileira que se transformou e que é lembrada através do olhar distante de quem já foi estrangeira. A reflexão histórica que sua narrativa possibilita deve ser analisada com o auxílio de outros suportes de investigação. Isso porque sua narrativa está baseada nas suas memórias que vão se transformando em função de suas experiências e dos condicionamentos sociais de Maria quando suas lembranças foram escritas.

Através das lembranças de Maria pode-se transitar nas ruas de Porto Alegre, quando ela menciona as ruas onde residiu no Bairro São José e os locais onde exerceu atividade de trabalho nos bairros São Geraldo, Bom Fim e Partenon, entre outros, que não foram mencionados. A narrativa de Maria permite o trânsito numa cidade que se transforma e incorpora novos hábitos e novos sons trazidos pelos imigrantes que a ela acorrem depois da II Guerra Mundial em busca de melhores condições de vida.

As referências da imigrante aos espaços de Porto Alegre e as relações sociais desenvolvidas na cidade apresentam uma realidade da qual Maria faz parte e articula sua experiência ao seu desenvolvimento. Do que foi escrito, pode-se inferir o peso de alguns acontecimentos nas condições reais de vida da autora, do seu grupo de convívio e naquele meio urbano de modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem. **Panorama geográfico brasileiro**. São Paulo: Moderna, 2004.
- BANDA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=116>. Acesso em: 5 dez. 2013.
- BRUM, Rosemary Fritsch. **Caderno de pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre entre 1922 e 1937**. São Luiz, MA: EDUFMA, 2009.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- BUTURI, Maira Grasielle de Oliveira. A mulher no mercado de trabalho. **Revista InterAtividade**, Andradina, SP, v. 1, n. 1, p. 90-98, jan./jun. 2013.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63-73, 2006.
- _____. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses**. Porto Alegre: EST, 2007.
- CORTE REAL, Antônio T. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1980.
- FACCIN, Maria. **De Ponzano a Porto Alegre**. Porto Alegre: Edição Independente, 2012.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 17-34.
- FERREIRA, Marieta Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEMOS, Marília Roennau. **O urbanismo em Porto Alegre no Jornal Correio do Povo durante o Estado Novo**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, RS, 2009.

MACDONALD, Leatrice D.; MACDONALD, John S. (1964), Chain migration, ethnic Neighborhood formation and social networks. **The Milbank Memorial Fund Quarterly**, v. XLII, n. 1, p. 82-96.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Tecendo memórias. Gustavo Barroso e as escritas de si. **Ars Histórica**, Rio de Janeiro. Publicado em: maio 2009. Disponível em: <<http://revis.tadiscientepghis.files.wordpress.com/2009/05/aline-montenegro-tecendo-memorias-gustavo-barroso-e-as-escritas-de-si.pdf>> Acesso em: 10 dez . 2012.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MUNDO DAS MARCAS. **Massas Adria**. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/08/adria-brasileira-com-gostinho-europeu.html>>. Acesso em: 15 maio 2012.

OLMI, Alba. **Memória e memórias**: dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

POLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PORTO ALEGRE. Secretaria da Junta Comercial. Livro de Registro de Títulos e de Autorizações, 12 de abril de 1919. In: ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fundo da Junta Comercial**: maço 23. Porto Alegre, 2013.

PRIORI, Del Mary; BASSANEZI, Carla. (Org.) História das mulheres no Brasil. In: BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2000.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1999.

SIMMEL, Geog. O estrangeiro. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n. 12, p. 265-271, dez. 2005.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino; SOUSA, Cynthia Pereira; CATANI, Denice Barbara. A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, jan./jun, p. 31-42, 2008.

TEIXEIRA, Zuleide Araújo. **As mulheres e o mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_daba.html>. Acesso em: 30 set. 2008.

TERRITORIO DEL COMUNE DI PONZANO VENETO. Disponível em: <http://www.paesionline.it/veneto/ponzano_veneto/mappa_ponzano_veneto.asp>. Acesso em: 12 nov. 2013.

THOMPSON, Paul. A memória e eu. In: _____. **Voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

VAZ, Caroline de Fátima Matiello; LAIMER, Rosane Terezinha. A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento da profissão de secretária. **Revista do Secretariado Executivo**, Passo Fundo, n. 6, p. 5-16, 2010.

VENDRAME, Maíra Inês. Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor: redes sociais, família e estratégias migratórias. **Metis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 69-82, jan./jun. 2010.